



Filiada à International Psychoanalytical Association

ANO 13 • JULHO 2014 • Nº 25

PORTO ALEGRE • RS • BRASIL

Palavra da Presidente

P. 02

Psicanálise para quê?

P. 03

Nova diretoria da SPPA

P. 03

Tratamento Psicanalítico

P. 04

Revista de Psicanálise

P. 04

Atividades Científicas

P. 04

Associação de Candidatos

P. 05

Infância e Adolescência

P. 05

Psicanálise e Educação

P. 08

Psicanálise no Brasil

P. 08

Cyro Martins e a Linguagem que Alcança

P. 09

A Grande Beleza de uma história singular

P. 10

Formação Psicanalítica: uma "vivência" em expansão?

P. 11

Parcerias com a Cultura

P. 12

Quem Somos?

P. 12



REALIDADES & FICÇÕES

ENTREVISTA

Abel Fainstein e
Sergio Lewkowicz

PÁGINA CENTRAL

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Filiada à International Psychoanalytical Association

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE (SPPA)

Rua Gen. Andrade Neves, 14/802

Porto Alegre/RS - 90010-210

(51) 3224-3340

www.sppa.org.br | comunicacao@sppa.org.br

PRESIDENTE

Anette Blaya Luz

DIRETORA ADMINISTRATIVA

Regina Pereira Klarmann

DIRETOR FINANCEIRO

Emílio Salle

DIRETORA CIENTÍFICA

Maria Elisabeth Cimenti

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Ivan Sérgio Cunha Fetter

DIRETORA DE DIVULGAÇÃO

Maria Cristina Garcia Vasconcellos

DIRETORA DO NÚCLEO DA INFÂNCIA E
ADOLESCÊNCIA

Maria Lucrecia Zavaschi

DIRETORA DO INSTITUTO

Viviane Sprinz Mondrzak

COMISSÃO EDITORIAL

Paulo Berél Sukiennik (Coordenador)

Eneida Maria Fleck Suarez

Eliane Goldstein

Maria da Graça Motta

Nyvia Oliveira Sousa

JORNAL DA SPPA

Tiragem: 3.000 exemplares

Fotos utilizadas: Arquivo/SPPA

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Ana Klein (DRT/RS 8741)

Vera Nunes (DRT/RS 6198)

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Clemente Design



Anette Blaya Luz*

Realidades e Ficções quanto de cada?

O primeiro número do Jornal da SPPA, desta gestão 2014 – 2015, abre com o tema título do 30º Congresso de Psicanálise da Fepal: “Realidades e Ficções”. Falar sobre essa temática dentro do universo da Psicanálise é tarefa instigante que abrange muitos vértices. Para este breve comentário escolhi o eixo clínico como pano de fundo. Podemos começar indagando o que seria realidade e o que seria ficção dentro da relação analítica. Sabemos que a dupla paciente-analista transita dentro de parâmetros absolutamente objetivos e observáveis no espectro da realidade factual do cotidiano. Ambos sabem o que os une, assim como têm estipulado local e hora para que o encontro analítico aconteça. Sabem também a duração e o valor da sessão. Estes aspectos, bem como outros tantos, são facilmente identificáveis como pertencendo à esfera da realidade compartilhada.

Há, no entanto, um grupo de fenômenos que não pertence de forma clara ao universo da realidade factual, embora sejam fenômenos perfeitamente perceptíveis e identificáveis no contexto da clínica psicanalítica. O exemplo mais significativo deste tipo de acontecimento é a transferência. Para nós, analistas, sua existência é real e inequívoca. Mas também é uma ficção criada pela mente do paciente e aceita pelo analista, que constrói um setting propiciador ao seu aparecimento. A transferência é a essência do fazer psicanalítico e é, ao mesmo tempo, dentro do campo criado pelo encontro do paciente com seu analista, uma realidade absolutamente ficcional.

Winnicott quando descreve o espaço potencial, ou seja, o espaço dos fenômenos transicionais, propõe que ninguém questione à criança quanto ao status de pertencimento do objeto transicional: seria ele parte da realidade interna ou da realidade externa? Aos pais cabe somente respeitar a necessidade da criança de usar o objeto transicional sem indagar se ele é uma criação sua ou se pertence à realidade externa.

Muito semelhante a isso é o encontro da dupla analisando-analista. Nesse espaço potencial, o campo analítico se estabelece. É onde a realidade e a ficção se entranham. Isto é de tal forma verdadeiro, que é graças a esse entrelaçamento que, mesmo não podendo retornar no tempo, podemos retornar aos afetos e emoções de tempos pretéritos. A força da realidade interna, fonte principal das nossas ficções, é tão significativa ou até mais do que a da realidade externa. Freud percebeu isto, já em 1897, quando abandonou a teoria da sedução em favor do valor que passou a conferir aos desejos infantis reprimidos. Somente a boa técnica psicanalítica vai permitir que, aos poucos, os analisandos possam discriminar o que é realidade interna e o que é externa, ou seja, o que é fantasia e o que é fato.

Que tal debatermos mais profundamente esses assuntos e fazer a SPPA participar ativamente deste evento, o Congresso Latino-americano de Psicanálise?

Uma boa leitura.

*Presidente da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Psicanálise para quê?

Curioso pensar que, após mais de 100 anos desde seu surgimento, essa questão ainda se apresenta: psicanálise, para quê?

Mas a presença deste questionamento é sempre uma oportunidade para refletirmos sobre essa disciplina que ainda é um desafio na hora de ser classificada. Freud dizia que “psicanálise” nomeava (1) um método de investigação dos processos mentais inconscientes, (2) um sistema teórico sobre o desenvolvimento do indivíduo e seu funcionamento psíquico e (3) um método de tratamento.

Sabemos que as noções psicanalíticas estão claramente presentes no pensamento ocidental e que é como forma de tratamento que a psicanálise tem encontrado seus maiores questionadores. Que lugar pode existir, ainda mais nos dias de hoje, para um método caro, demorado, que demanda um tempo do nosso dia a dia já tão corrido e que, ainda por cima, não oferece garantias de resultados? Além disso, pressupõe que se entre em contato com aspectos de nós mesmos que gostaríamos que permanecessem desconhecidos, ou melhor, que não existissem. Para piorar ainda mais o cenário, um tratamento psicanalítico implica em uma relação intensa com o analista, mas numa situação diferente de qualquer outro relacionamento. É uma conversa íntima, mas assimétrica, na qual apenas uma das partes fala de si mesmo. É preciso tolerar não ser gratificado, não receber respostas e soluções prontas para os problemas. Porque, numa psicanálise, não espere encontrar alguém que saiba qual é resposta certa nem as explicações definitivas sobre seus problemas. Você será ajudado a encontrar suas próprias alternativas e caminhos, num trabalho em que ambos, paciente e analista são coautores. Você terá que abandonar



Viviane Sprinz Mondrzak*

muitas ilusões, principalmente a de que é onipotente, que pode determinar todos os acontecimentos e a forma de ser dos outros. Terá que pensar e assumir a responsabilidade sobre seus atos e sentimentos.

Depois disso tudo, caberia ainda mais a pergunta inicial: afinal, psicanálise para quê? Pelas mesmas razões que falamos acima: porque você poderá pensar sobre seus sofrimentos, dilemas, inibições, sentimentos temidos e criticados, num clima de reflexão, sem julgamento moral, acompanhado por alguém que não imporá seus próprios pontos de vista; expandirá sua capacidade de pensar reflexivamente, entrando em contato com o que é mais genuinamente seu, com a dimensão inconsciente dos sentimentos e pensamentos.

Porque, apesar da velocidade, pressa e exigências da vida atual, continuamos humanos, tendo que enfrentar uma longa trajetória desde a dependência da infância até nos tornarmos autônomos e mais capazes de enfrentar a realidade. Porque, apesar de todo avanço tecnológico, continuamos tendo que lidar com os mesmos sentimentos de insegurança, medo, culpa, inveja e solidão. Mesmo com o mundo virtual, ainda não foi inventado nada que substitua o contato humano e a importância do olhar de outro para nos enxergarmos melhor. O olhar treinado do psicanalista tem particularidades que o constituem como único, na busca da dimensão inconsciente de nosso psiquismo. Talvez para um pouco de tudo isto, a psicanálise.

**Diretora do Instituto de Psicanálise da SPPA*

Posse

Nova diretoria da SPPA eleita para o biênio 2014/2015

Em Assembleia Geral Ordinária, realizada na no dia 16 de janeiro de 2014, na sede da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), foi eleita a nova diretoria da entidade para o biênio 2014/2015. A presidência será exercida pela psicanalista Anette Blaya Luz. Assumem a diretoria, os seguintes psicanalistas (foto): Emílio Salle (diretor financeiro); Maria Lucrécia Zavaschi (diretora do Núcleo da Infância e Adolescência – NIA); Maria Elisabeth Cimenti (diretora científica); Viviane Sprinz Mondrzak (diretora do Instituto de Psicanálise); Anette Blaya Luz (presidente); Regina Pereira Klarmann (diretora administrativa); Maria Cristina Garcia Vasconcellos (diretora de divulgação) e Ivan Sérgio Cunha Fetter (diretor de publicações).



Acesso ao Tratamento Psicanalítico

O Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP), organizado pelo Instituto de Psicanálise da SPPA, oferece tratamento psicanalítico, realizado por profissionais em seus consultórios particulares, destinado a pessoas adultas, adolescentes e crianças da comunidade. Durante o período de avaliação, cada sessão terá o custo de R\$ 50,00. Caso haja indicação de tratamento psicanalítico, a frequên-

cia será de 3 a 4 sessões semanais, com honorários acessíveis, combinados diretamente com o profissional.

Para informações e inscrições entrar em contato com a secretária Margareth, de segunda a sexta-feira, na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, pelo telefone 3224-3340, a partir das 14h, para agendar o preenchimento do cadastro, ou pelo e-mail: instituto@sppa.org.br

Revista de Psicanálise prepara o ano de 2014

A mais recente edição da Revista de Psicanálise da SPPA, publicada em abril (nº 01/2014), apresentou uma diversidade interessante de artigos, temas e autores, inclusive o trabalho premiado na Itália de Giuseppe Civitarese sobre A grade e a pulsão de verdade.

Para agosto, está em elaboração o número temático 02/2014 que versará sobre Violência, vulnerabilidades e desenvolvimento psíquico. Nele serão publicadas reflexões de autores que abordam este tema, explorado no Simpósio do Núcleo da Infância e Adolescência (NIA) de 2013, incluindo o trabalho da psicanalista da SPPA, Ivanosca I. Martini, premiado neste evento.

O último número deste ano (03/2014), também temático, será Interpretação hoje, foco de interesse e debate do 2º Encontro de Psicanalistas de Língua Espanhola: Vías de la interpretación psicoanalítica, ocorrido no final de janeiro, em Madri. Este é um tema de estudo no meio psicanalítico mundial, buscar aprimoramento da técnica Psicanalítica.

Neste número ainda, será publicada uma Seção Especial comemorativa dos cem anos dos artigos de metapsicologia de Freud, os

quais fundamentam as bases do conhecimento psicanalítico (pulsão, recalçamento, inconsciente, sonhos e luto e melancolia) e seguem desafiando o pensar psicanalítico na atualidade. O convite para envio de artigos se encontra no Boletim Eletrônico da SPPA (http://site.sppa.org.br/boletim_eletronico).

No final de outubro e início de novembro acontecerá o tradicional XVII Ciclo da Revista na Feira do Livro de Porto Alegre com duas atividades voltadas à comunidade, que integram a psicanálise com a música e literatura: um Sarau sobre Lupicínio Rodrigues, para comemorar os cem anos do seu nascimento, e uma mesa para debater os super-heróis na literatura.

Jussara Rodrigues, da Câmara Rio-grandense do Livro, que recebeu o título de Amiga da SPPA em 2013, convidou os responsáveis pela Revista de Psicanálise para reapresentar nesta 60ª Feira do Livro a atividade recentemente apresentada na SPPA, Uma conversa sobre experiência criativa com Claudia Tajés (escritora e publicitária) e Juarez Guedes Cruz (Psicanalista da SPPA).

Quer assinar a revista?

ASSINATURA ANUAL:
(3 números + versão digital): R\$ 90,00
NÚMEROS AVULSOS: R\$ 40,00

FORMAS DE PAGAMENTO

1. CHEQUE NOMINAL
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

2. DEPÓSITO/TRANSFERÊNCIA
Santander
Banco: 033
Agência: 1480
Conta corrente: 13000656-2

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
CNPJ: 92.911.304/0001-29

Solicitamos o envio do comprovante de depósito por e-mail ou correio

CONSULTE ARTIGOS, REVISTAS, AUTORES NO SITE
<http://www.sppa.org.br/new/revista.php>

SPPA

Rua Gen. Andrade Neves, 14/802 - Centro Histórico - Porto Alegre, RS
90010-210 - revista@sppa.org.br / www.sppa.org.br
(51) 3228-7583 ou (51) 3224-3340

ATIVIDADES CIENTÍFICAS TRAZEM A PSICANÁLISE PARA O CENTRO DOS DEBATES

Lucien Freud: A atividade científica de abertura do ano na SPPA, intitulada Implicações da obra de Lucien Freud, no dia 20 de março, contou com a presença de João A. Frayze-Pereira, psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Na abertura do encontro foi apresentado um vídeo sobre o artista Lucien Freud, cujos trabalhos estiveram expostos, em 2013, no Masp, em São Paulo, seguido dos comentários do convidado. O conhecimento em Estética e História da Arte e a experiência como crítico de arte de Frayze-Pereira permitiram um pensar sobre a obra de Lucien Freud, a partir de uma perspectiva privilegiada. O posicionamento do palestrante gerou um debate intenso com o público presente que lotava o auditório da sociedade.



Associação de Candidatos recebe novos integrantes

Com o objetivo de oportunizar a apresentação dos trabalhos anuais, assim como receber os novos candidatos que iniciaram a formação, foi realizado, no dia 22 de março, o VIII Simpósio Integrado da Associação de Candidatos e Instituto de Psicanálise da SPPA. A abertura do Simpósio contou com um agradável café da manhã que reuniu candidatos, membros associados, efetivos e didatas, em um clima afetivo e descontraído.

Este ano foram apresentados 25 trabalhos e seus respectivos comentários, envolvendo os mais variados temas de psicanálise. Participaram do Simpósio cerca de setenta pessoas, ao longo das atividades. Na sessão de encerramento, o psicanalista Ruggero Levy comentou sobre a importância da participação e do

envolvimento institucional na formação e na carreira analítica. O assunto provocou um debate entusiasmado e estimulou o intercâmbio de experiências entre os presentes. Após esta atividade aconteceu o já tradicional almoço de confraternização.

No dia 17 de maio, ocorreu a oitava edição da atividade "Uma conversa sobre a experiência criativa", com a participação de dois convidados, debatendo o processo criativo na escrita. Juárez Guedes Cruz, psicanalista e escritor e Claudia Tajés, escritora e roteirista, dividiram com a plateia suas vivências criativas durante o processo da escrita. Após a apresentação dos convidados, seguiu-se uma estimulante conversa com o público sobre criatividade e sua importância, não só na escrita, mas também no trabalho analítico.

Infância e Adolescência

Simpósio debate dilemas contemporâneos

O Núcleo da Infância e Adolescência (NIA), da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, realizou nos dias 22, 23 e 24 de maio, o XVI Simpósio da Infância e Adolescência. O tema central "Novos dilemas de Psicanálise da Infância e Adolescência" surgiu da necessidade de atualização e de debate sobre assuntos contemporâneos, comuns na clínica psicanalítica de adolescentes e crianças. Estas temáticas sempre existiram, no entanto, têm sido mais frequentes nos consultórios psicanalíticos.

A convidada deste ano foi a Dra. Letícia Glocer Fiorini, atual presidente da Associação Psicanalítica Argentina (APA). Em sua primeira palestra, ela abordou a questão da "Construção da identidade sexual na infância e adolescência", sinalizando a distinção entre identidade, sexualidade e gênero. Afirmou que "não se pode homologar a adolescência pós-puberal à adolescência tardia, assim como não se pode equiparar a adolescência das meninas com a dos meninos". Ela salientou ainda que, aos desenvolvimentos pós-Freudianos, agregam-se as mudanças sociais e culturais, com importantes efeitos sobre mulheres e homens, ressaltando a complexidade dos processos de subjetivação sexuada nesta etapa da vida.

A segunda palestra foi "A psicanálise e as novas configurações familiares: abordagens terapêuticas", na qual a psicanalista argentina levantou questões como as de filhos provenientes de famílias homoafetivas e uma busca de entendimento de outros itinerários do desejo, ensejando reflexões sobre o momento de transição no qual surgem novas configurações vinculares. Por fim, na terceira palestra, aprofundou o tema sobre os "Processos de subjetivação nos filhos de casais não convencionais".

Foi sem dúvida um encontro de enriquecimento para o Núcleo da Infância da SPPA, mas também para todos os participantes, incluindo muitos jovens de outras instituições que compareceram ao evento.



Letícia Glocer Fiorini

Realidade e Ficção em Diálogo:

No dia 8 de maio, realizou-se na sede da SPPA, o Encontro Preparatório para o 30º Congresso Latino-Americano de Psicanálise da Fepal (Federação Psicanalítica da América Latina) e o tema foi Realidade e Ficção em Diálogo. Foram debatedores Luiz Fernando Orduz, psicanalista, membro titular da Sociedade Colombiana de Psicanálise e mestre em Comunicação e Cultura e Raul Hartke, psiquiatra e membro efetivo da SPPA. A atividade foi coordenada por Sergio Lewkowicz, membro efetivo da SPPA e diretor científico da Fepal. Os convidados apresentaram uma síntese dos seus trabalhos que, posteriormente, estarão em debate no Congresso. Os temas foram apresentados com objetividade, consistência e clareza, enriquecidos pela ilustração do vídeo de uma performance da artista Marina Abramovic e um caso clínico.



Bernard Chervet: Nos dias 5, 6 e 7 de agosto, a SPPA estará recebendo a visita do Dr. Bernard Chervet e sua esposa Emmanuelle. O Dr. Chervet é psiquiatra, analista didata e presidente da Paris Psychoanalytic Society (SPP) e Emmanuelle é analista didata da SPP. Os convidados irão participar de uma programação intensa, com conferências, debates, supervisões coletivas e individuais. Na programação, destaque para a palestra da Dra. Emmanuelle, "A Reorganização do Superego na Adolescência", dia 6/8, às 12h15min e de Bernard Chervet, Introdução ao debate sobre o tema "Pulsão: você tem uma vida?", no dia 7/8 às 20h30min. A programação completa pode ser acessada em www.sppa.org.br



Realidades e Ficções

em debate no Congresso da Fepal

Entrevista com o psicanalista Abel Fainstein, presidente da Federação de Psicanálise da América Latina (Fepal), e com o psicanalista Sergio Lewkowicz, coordenador científico da Fepal sobre o 30º Congresso Latino-americano de Psicanálise a ser realizado de 3 a 6 de setembro de 2014 em Buenos Aires, Argentina

O Jornal da SPPA formulou questões gerais sobre Realidades e Ficções - eixo temático do Congresso -, para que os entrevistados desenvolvessem livremente seu pensamento sem se ater, obrigatoriamente, em responder especificamente e diretamente aos seguintes questionamentos:

- *Considerando que o impacto da realidade externa não pode ser negado, especialmente em países latino-americanos com estruturas sociais e econômicas fragilizadas, como é possível praticar a psicanálise mantendo os seus parâmetros básicos de neutralidade e o foco no mundo interno? E qual o papel e o comprometimento do psicanalista frente a essa realidade?*
- *Como os Congressos da Fepal e filiais podem contribuir para manter viva a psicanálise, tanto no campo da prática como no desenvolvimento das teorias, considerando que a globalização, via internet, apesar de ser um veículo potente de comunicação, também gera uma cultura mais de evacuação do que de reflexão?*
- *É possível se pensar numa realidade Latino-Americana que determine um perfil específico, ou isto é uma ficção?*
- *Podemos estabelecer claramente uma fronteira entre realidade e ficção, expressa como uma dicotomia antagônica?*

Abel Fainstein

O Congresso da Fepal é a oportunidade de um encontro presencial que, a cada dois anos, convoca os analistas da região para atualizar nossa disciplina e a sua relação com a realidade social, os avanços em outras ciências, as artes, os problemas sociais e a cultura geral.

Nesses tempos em que os meios eletrônicos e, sobretudo a Internet, aprofundaram a globalização da cultura, muitas vezes sem estimular a reflexão, os encontros regionais, talvez mais do que os inter-regionais, têm a força de estar muito perto das necessidades das comunidades em geral, e especialmente, das psicanalíticas que se levam a cabo, nas quais trabalham os participantes.

Sabemos que o encontro presencial - conhecer pessoalmente ao

outro - neutraliza os efeitos globalizadores, e a satisfação do encontro com colegas e amigos, soma-se ainda à vantagem de ter só dois idiomas nas apresentações, o que favorece trabalhar em prol de um verdadeiro intercâmbio de ideias. Por isso, pensamos em fazer mais espaços de oficinas, diálogos e debates do que painéis ou conferências, para estimular uma ativa participação dos interessados.

Como exemplo, entre as várias atividades programadas, temos aquelas referentes à:

- responsabilidade social dos psicanalistas e da psicanálise;
- direitos humanos;
- compreensão do fanatismo e da violência;
- autores como Antônio Berni e Julio Cortázar;

Todos estes temas são expressão de uma agenda latino-americana que requer uma abordagem interdisciplinar, na qual a psicanálise estará trabalhando com especialistas de outras áreas.

A ficção é uma maneira eficaz de trabalhar sobre as diferentes realidades que existem na nossa região, e de ter acesso a elas.

Os temas mais específicos da nossa prática: o campo psicanalítico, o enquadre, a contratransferência, a psicanálise vincular, de famílias, casais e multifamiliar, a psicossomática, terão espaços especiais na



Abel Fainstein



Sergio Lewkowicz

programação. Assim como para os novos critérios com relação à formação psicanalítica.

Em parte, o material clínico como ficção, o relato clínico está intimamente vinculado com a cultura a que pertencemos e na qual ocorre a formação psicanalítica. Palavras como “desaparecido” são lamentavelmente parte da nossa cultura, mas também isso pode, às vezes, congelar o seu significado e ser um obstáculo para o trabalho analítico.

A tudo isso, agregamos que a importante presença de numerosos colegas do hemisfério norte que se somarão a Antonino Ferro e Jay Greenberg, nossos convidados especiais, favoreceram encontros de trabalho inter-regionais centrados na nossa produção. O *International Journal of Psychoanalysis* e o *Psychoanalytic Quarterly* se somam nesse sentido à revista *Calibán*, nas respectivas atividades, com destacados colegas, editores dos mesmos.

Sergio Lewkowicz

Fui obrigado a procurar asilo na ficção. Disfarçada de ficção, de vez em quando a verdade se infiltrava. (Wilfred Bion)

A questão de onde colocar a fronteira entre realidade e ficção é um tema complexo e de difícil compreensão. Optamos para o tema oficial do XXX Congresso Latino-americano de Psicanálise utilizar “Realidades e Ficções”, buscando com isso privilegiar as inúmeras realidades descritas (material, histórica, psíquica, fatural, etc.), bem como as infinitas ficções possíveis.

Ao ser divulgado o tema do congresso, as diferentes sociedades componentes da Federação Latino-americana de Psicanálise (Fepal) imediatamente se dividiram. Algumas sociedades passaram a estudar as realidades, enquanto outras se dedicaram ao tema das ficções em sua preparação para o congresso. Serão tão antagônicas essas propostas?

Durante o congresso teremos a oportunidade de ver os diferentes vértices de nossos colegas analistas, bem como de profissionais de outras áreas, pois é um tema que se abre para a interdisciplinaridade.

Em um filme francês recente, “Eu, mamãe e os meninos”, Guillau-

me Gallienne, excelente ator francês, interpreta e dirige a ele mesmo. O filme se centra em uma apresentação teatral, um monólogo, no qual o ator vai revelar dados de sua vida. O autor relata fatos que considera reais de sua história pessoal, particularmente da educação que recebeu ao longo de sua infância e adolescência e utilizou-se do teatro e do cinema para representá-los. Será que só podemos nos aproximar da realidade através da ficção como faz Gallienne?

Assim como o personagem “Guillaume Gallienne”, ao transcrevermos uma sessão de análise, não estamos relatando a realidade dos fatos que ocorreram naquele encontro - são experiências vividas -, escrevemos uma ficção sobre o que ocorreu e essa é a nossa versão daquele encontro.

Desde Freud até hoje, a psicanálise sempre considerou os sonhos como as ficções possíveis para revelar o inconsciente. Somente através das ficções podemos nos aproximar de camadas da mente que vão além do visível, dizível ou pensável.

Percebemos, então, que essa dicotomia aparentemente antagônica entre realidades e ficções não se sustenta. O que consideramos mais importante é a relação entre realidade e ficção, esse espaço que se cria entre esses dois polos, mais do que os dois extremos. Assim, não deveríamos falar de Realidades ou Ficções, mas sim de Realidades e Ficções.

E no espaço entre ficção e realidade, nada mais oportuno que a poesia *Loucos de Cara*, de Vítor Ramil

*Se um dia qualquer
Tudo pulsar num imenso vazio
Coisas saindo do nada
Indo pro nada
Se mais nada existir
Mesmo o que sempre chamamos real
E isso pra ti for tão claro
Que nem percebas
Se um dia qualquer
Ter lucidez for o mesmo que andar
E não notares que andas
O tempo inteiro
É sinal que valeu!*

Psicanálise e Educação, parceria que dá certo

A Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) iniciou com a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (SMED), em 2006, uma parceria de trabalho junto às creches conveniadas, instituições nascidas em comunidades de alta vulnerabilidade e cuja origem remonta às práticas informais de cuidados de bebês e crianças pequenas.

Durante esse período, foram feitas muitas modificações no modelo de funcionamento, sempre em consonância com as necessidades do grupo de educadores e com a própria evolução do grupo de psicanalistas. Desde 2011, o modelo de funcionamento consiste produzir um estímulo sobre um tema previamente combinado e apresentado por uma assessora da SMED, um educador e um psicanalista. O objetivo é provocar um início de debate, já que é nos pequenos grupos de discussão que se encontra a essência de trabalho. Nesses grupos, dois psicanalistas são responsáveis pela coordenação, sendo que a posição dos coordenadores é de possibilitar a expressão dos participantes e de debater o que é espontaneamente trazido.

Essa atividade segue sendo realizada semanalmente em grupos de trabalho com duração de duas horas. Na primeira meia hora ocorre o estímulo e durante uma hora e meia os grupos, compostos por educadores e psicanalistas, se reúnem. As discussões giram em torno de temas subjetivos, incertos e naturais das trocas relacionais vividas pelas participantes no dia a dia da escola infantil. São reflexões sobre a instituição, os familiares dos alunos, os planos de atividades, as colegas e seus papéis como educadores.

O grupo propicia a troca de experiências entre os participantes,

enriquecido com seus relatos pessoais e profissionais. Com as trocas os educadores se sentem escutados, seguros dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula, entendidos e valorizados como indivíduo pensante.

Por outro lado, procura-se mostrar como cada um pode interferir e contribuir em sua atividade ao permitir que se discuta a possibilidade de:

- distinguir o papel do educador do papel de pais, tios e irmãos dos alunos;
- auxiliar a compreender as brincadeiras dos alunos (bandido e mocinho);
- perceber as vivências das crianças que passam por situações de abuso;
- reconhecer as doenças familiares capazes de impedir ou retardar o desenvolvimento das crianças.

Enfim, com o trabalho, os educadores conseguem reproduzir suas experiências e, muitas vezes, trazer suas próprias soluções. Percebe-se que com este trabalho, os educadores da SMED se sentem parte de um grupo que os valoriza profissional e pessoalmente.

Paralelamente a esse processo de crescimento com os educadores, ocorre outro semelhante, internamente, dentro do grupo de psicanalistas e junto à assessoria da SMED, o que vem permitindo uma qualidade cada vez maior desse trabalho. Como resultado dessa parceria, está sendo produzido um texto conjunto a ser apresentado em uma mesa redonda no próximo Congresso da FEPAL.

FEBRAPSI com novo Conselho Diretor

Em Assembleia de Delegados realizada na cidade de Campinas (SP), foi eleita e empossada a nova diretoria da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) para o biênio 2014/2015. O Conselho Diretor, que terá como presidente, Aloysio Augusto d'Abreu e como secretário geral, Paulo Cesar C. Lessa será composto ainda pelos seguintes membros: Rosângela de Oliveira Faria (tesoureira); Daniel Delouya (diretor do Conselho de Coordenação Científica); Ana Paula Terra Machado (diretora do Conselho Profissional); Zelig Libermann (diretor do Departamento de Publicações e Divulgação); José Fernando de Santana Barros (diretor de Relações Exteriores) e Vera Lucia de F. Benchimol (diretora Superintendente).

No discurso de posse, Aloysio d'Abreu frisou a importante função da Febrapsi como órgão de integração das diversas entidades componentes. Ressaltou ainda a ideia de que a consolidação dessa posição da entidade é resultado das ações das várias diretorias ao

longo do tempo, e que sua intenção é, em primeiro lugar, dar continuidade ao trabalho de fortalecimento da Federação.

Tão logo tomou posse, o Conselho Diretor iniciou seu calendário de reuniões mensais, nas quais tem se destacado, entre outros assuntos, o Congresso Brasileiro de Psicanálise.

Após alguns encontros do Conselho Diretor, em 22 de março de 2014, na sede da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, realizou-se a reunião do Conselho Científico da Febrapsi, composto pelos diretores científicos de todas as federadas. Neste encontro ficou definido que o próximo Congresso Brasileiro de Psicanálise será realizado no Centro de Convenções do Hotel Maksoud Plaza, em São Paulo, no período de 28 a 31 de outubro de 2015, sob o tema "Ato/sonho: a representação e seus limites"



Zelig Libermann

Cyro Martins e a linguagem que alcança

Que os psicanalistas têm bastante a aprender com os poetas é coisa sabida. O artista criativo, habitante assíduo do mundo onírico, chega, de modo intuitivo, ao que atingimos à custa de muito esforço. Isso já dizia Freud nas cartas a Schnitzler: “*Seguidamente perguntei-me... como você obteve tal ou qual conhecimento íntimo e secreto (...) cheguei a formar a hipótese de que sua intuição, ou uma auto-observação detalhada, permitiu-lhe chegar àquilo que eu descobri somente mediante o trabalho laborioso de observação de outras pessoas*” (Freud, 1873 1939, ps. 282 e 384).

Mas há outras lições que o contato com a arte pode nos ofertar. Em meu texto, valendo-me de dois exemplos proporcionados pela leitura dos contos de Cyro Martins, abordarei um vértice que tem me chamado a atenção ao considerar as questões da escrita e da formulação de interpretações analíticas inspiradas: o da dicção poética. Do uso da palavra de um modo competente o bastante para transmitir emoções. E não pense, o leitor, que isso é por puro prazer literário. De modo algum. É uma lição daquilo que Bion (1970) designou como ‘*language of achievement*’, expressão traduzida para o português como ‘*linguagem que alcança*’, ou ‘*linguagem de êxito*’. Esse conceito se refere à experiência psíquica (afetiva e ideacional) traduzida em uma linguagem capaz de conduzir a mudanças e decisões efetivas no mundo interno (autoplásticas) e no mundo externo (aloplásticas) do sujeito. Penso que tal excelência lingüística, com um potencial estético transformador, é requisito valioso para a construção tanto do texto literário quanto do registro psicanalítico, oral e escrito, de boa qualidade.

Vamos aos exemplos. Ao publicar seu livro inaugural, ‘*Campo fora*’, Cyro tinha apenas vinte e seis anos, mas, como poderemos ver, já evidenciava tal predicado estético. Convido o leitor a que percorra atentamente, se possível em voz alta, o seguinte fragmento do conto intitulado ‘*Sem rumo*’. Nele, o narrador descreve as desventuras de um menino, Nilo, atarantado na busca de uma vaquinha extraviada no campo. Anotece, e Nilo é tomado pelo medo de não achar sua casa ou, achando, ter que enfrentar o olhar severo da mãe por sua falha em não encontrar o animal perdido. Escreve Cyro: “*Os vaga-lumes cintilavam múltiplos na noite sem estrelas. Acendiam ao longe as luzes minúsculas. Subiam traçando curvas mínimas de claridade. Demoravam no ar ondulando lentos. Simulavam quedas. E volviavam em equilíbrio de vôo sereno para o alto, para afinal declivarem rápidos cruzando pertinho dos olhos arregalados de susto. E eram muitos, inumeráveis, para*

Memória, Psicanálise e Arte



Juarez Guedes Cruz *

todos os lados que se virasse, como nunca tinha visto. E os grilos gritando agudo de todas as moitas. E o vozerio desigual dos sapos vindo das sangas, asperejando o barulhinho sonoro das correntezas” (Martins, 1934, p.27).

Repare no uso da expressão ‘*declivarem*’, no sentido de ‘*inclinarem-se para baixo*’. É muito mais eficiente do que o prosaico ‘*descerem*’, pois cria a imagem visual de baixar um declive, descer uma ladeira. Assim deve sentir-se Nilo: perdido na noite, descendo assustado um abismo de pavores sem fim. Também observe, leitor, a sequência de ‘*gês*’, presentes na frase ‘*grilos gritando agudo*’, retratando, de maneira quase onomatopáica a gagueira de susto do menino que se encontra sem rumo no escuro labirinto do campo aberto. Mais: atente para a utilização admirável do verbo ‘*asperejar*’ que, se no sentido dicionário significa ‘*proferir asperezas*’ ou ‘*repreender com violência*’, aqui, em admirável licença poética, assume o significado de ‘*tornar áspera*’ a suave canção do deslizar das águas de uma sanga próxima. Uma alusão metafórica – pouco importa se intencional ou não – à áspera voz da mãe, antes melodia, a aguardá-lo, repreensiva, em seu retorno para casa.

Mais um exemplo? No conto ‘*Tesouros*’, Cyro está descrevendo uma cena onde Bernardo, um rude e imaginoso homem do campo, brinca ‘de cavalo’ com seus filhos. Observe, leitor, a capacidade de síntese e a competência poética: “*Um dos guris, tinha três, veio negaceando como quem experimenta. O pai franziu a cara num sorriso que era o seu sorriso. E o guri pulou a cavalo, como num potro, na perna delgada e forte do seu Bernardo. O pingo se cascou a velhaquear, e o ginete, grudado com uma mão no lenço do velho feito rédea, castigava com a outra o redomão caborteiro*” (Martins, 1934, p.44/45). Entre outros encantamentos, destaco esse ‘*franziu a cara num sorriso que era o seu sorriso*’. O jovem escritor, em admirável intuição psicanalítica, descreve, ao mesmo tempo, o prazer do pai treinando o filho em suas ‘memórias de um futuro’ de cavaleiro das lides com o gado, e os limites de ‘*franzir a cara*’ impostos ao sorrir enternecido em um rude homem do campo.

Poderia comentar mais coisas, mas o espaço é pequeno e a arte é vasta. Deixo ao leitor imaginar mais a respeito dessas pequenas jóias talhadas pelo jovem Cyro Martins que ainda teria mais sessenta anos de vida literária para nos brindar com maravilhas.

*Psicanalista. Membro efetivo e didata da SPPA

BIBLIOGRAFIA

- BION, Wilfred R. (1970) Attention and interpretation. London: Jason Aronson Inc.
 FREUD, Sigmund (1873 - 1939) Epistolario. Biblioteca Nueva, Madrid, 1963.
 MARTINS, Cyro (1934) Campo fora. Porto Alegre: Livraria do Globo.



Angela Mynarski Plass*

A Grande Beleza de uma história singular

Sorrentino, com seu mais recente filme, mobiliza intensamente o espectador. Alguns simplesmente descartam o filme como entediante, enquanto outros o enquadram numa visão apocalíptica do fim dos tempos, numa perda total dos valores e da insensatez.

Além da bela música e fotografia, o filme instiga. Em uma cena inicial, turistas desfrutam da bela vista acompanhados por um coro musical envolvente. Nesse contexto, a morte invade e altera tudo. O grito que anuncia essa morte também inicia o ritmo de uma comemoração frenética, que surpreende e nos lança em outro clima emocional, o aniversário de Jep Gambardella, protagonista do filme. Na sequência de cenas, parece não haver espaço para qualquer reflexão ou registro de sentido. Lenta e gradualmente, uma história nos é apresentada de forma entrecortada, desconexa, em diferentes espaços, com ares de vazio. É um filme para se rever.

O diretor questiona e critica o mundo superficial dos nossos tempos, a loucura de toda uma sociedade, a questão da solidão e a possível falta de sentido inerente a essa experiência que chamamos de vida. Inspirou-se em Fellini em várias cenas, mas também em Céline, escritor do século XX. A Grande Beleza se desenvolve como um panorama do absurdo da vida, das dificuldades, mentiras e da impossibilidade de pensar no que está mais além, no sentido das coisas, da vida e também da morte.

Jep, aos 65 anos, pressionado pelo envelhecimento e pela sequência de experiências vazias, torna-se perplexo com a passagem do tempo. A perplexidade o estanca para a vida. Com o tempo, foi ficando cego para seu mundo interno, mas ele revela condições psíquicas para voltar a enxergar, e passa a ser um observador da vida à sua volta. Aos poucos, vai resgatando as experiências significativas vividas e vai percebendo o quanto ele próprio é insignificante perante a vida e a natureza com sua força.

Este filme, além de questionar toda uma realidade externa, conta belamente a história de um homem maduro em busca de sentido para aplacar o vazio existencial. Em uma das cenas, vê uma menina que brinca/testa a mãe e a si mesma, num jogo de esconde-esconde. Eles têm esse breve diálogo:

*Menina: Quem é você?
Jep: Quem sou eu? Eu sou...
Menina: Não, você não é ninguém!
Jep: Ninguém? Mas eu...
Quem ele é..., quem ele não é...*

As várias cenas com água e mergulhos remetem ao inconsciente –incansáveis águas da mente –, e Jep mergulha nessas águas que o levam por caminhos diversos, percebe-se estranho. Entra mais em contato com sua natureza íntima: começa observando crianças brincando, acha belo estar com a prostituta sem fazer amor, sai do seu script num enterro e chora, vai percebendo as oportunidades perdidas ao longo da vida e finalmente vislumbra a beleza de Elisa com os seios expostos para ele na vida.

A agitação da psique, dos sentimentos, como as águas do mar, sempre em movimento, contém várias possibilidades. Se a perplexidade pode paralisar, a imaginação enriquece a vida, ultrapassa a dimensão cronológica do tempo, expande os horizontes individuais, resgata emoções e participa no trabalho de luto, gerando um olhar com novas perspectivas e espaços criativos para viver.

Conforme Céline, citado no início do filme:

*Viajar é útil, exercita a imaginação
O resto é frustração e esforço
Nossa viagem é imaginária
É essa a sua força*

Com as inusitadas experiências vividas pelo protagonista junto ao seu meio, surge um Jep mais observador e capaz, integrando em si as emoções que fazem sentido para ele.

Sorrentino finaliza dizendo que a vida é um “truque”, pois na história única de cada um, dentro do tempo e espaço que nos é dado viver, é o recurso-truque da imaginação criativa, da ficção individual que nos amplia, permitindo a cada um se inventar ou se reinventar de forma única e original.

Assim, em meio ao caos, superficialidade e insensatez que foram cinematograficamente bem articuladas, de forma entrecortada e desconexa, o que vemos no filme são frágeis e inconstantes vislumbres de beleza que, aos poucos, na medida em que transformações ocorrem, vão sendo tecidas por Jep em sua história singular.

Para finalizar, na essência, é a vida que pulsa intensamente em A Grande Beleza. A vida é a grande beleza.

Formação psicanalítica: uma “vivência” em expansão?

*O rio que fazia uma volta
Atrás da nossa casa
Era a imagem de um vidro mole.
Passou um homem e disse:
Essa volta que o rio faz
Se chama enseada.
Não era mais a imagem de uma cobra de vidro
Que fazia uma volta atrás da casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem*
Manoel de Barros

“Fluidez”, metáfora usada por Bauman (2000) para sintetizar os tempos atuais, estimula reflexões sobre o longo processo que envolve a formação analítica: o clássico tripé de sustentação (anos de análise pessoal, de seminários e supervisões), além de uma prática que exige grande paciência e tolerância à frustração. Sob certo ponto de vista, essa concepção vai contra uma forte corrente cultural de mudanças rápidas, em um tempo extremamente volátil. Mas podemos abrir mão desse modelo? E existiria outro para qualificar um psicanalista?

Através deste breve espaço, pretendo levantar algumas questões inerentes a esse difícil processo, focalizando na interação emocional que se cria na relação professor (uma mente disponível para transmitir vivências) e aluno (uma mente disponível para absorver vivências). Entendo vivência como o conhecimento adquirido através de uma experiência emocional. Também deixo claro que o fluxo de vivências não tem a direção exclusiva professor/aluno ($P \rightarrow A$), é necessário que adquira um sentido de mão dupla ($P \leftrightarrow A$), para o crescimento de ambos.

Podemos dizer que o ser humano pode adquirir infinitas identidades ao longo da vida, mas aqui estamos interessados na formação de uma identidade analítica. Os artistas, com sua capacidade de captar o inconsciente, definem bem isso. Solange Fernández Ordóñez, no seu belo livro “O olhar de Borges”, diz que: “Ao longo da vida nossa imagem mudará, e aquilo que nos revele, sejam vidros espelhados, água, olhar dos outros, retrato ou fotografia, e ainda sonhos, irá assinalando as sucessivas transformações e irá marcando que cada vez somos outro para observar, conhecer e aceitar. E nesse reconhecimento contínuo, na memória e no esquecimento de quem fomos sendo, assim como nas suposições de quem seremos amanhã, consiste a identidade” (p.72).

A nossa identidade analítica vai se moldando com as vivências geradas pela relação ensino/aprendizado, e pelo contato sensível com nossos pacientes. A prática psicanalítica permite observações e é através delas que construímos nossas hipóteses que podem ou não tornarem-se teorias. Para a preservação das teorias, surge um Establishment (Bion, 1970) que permite a sua divulgação, ao mesmo tempo em que propicia sua expansão.



Ivan Sérgio Cunha Fetter*

É função do Establishment permitir e acolher a evolução natural do candidato/aluno dentro do grupo psicanalítico, através da organização de regras para que o conhecimento psicanalítico se difunda. Mas, como nos ensina Bion em “Atenção e interpretação”, também é sua função encontrar e fornecer condições para o aparecimento de uma mente criativa, que ele chama de “gênio”, ou “místico”, ou seja, aquele que pode se aproximar da origem de uma experiência emocional e, ao mesmo tempo, tolerar o seu mistério.

Retomando o nosso tema, podemos constatar que a “sala de aula”, entre seus muitos significados, é descrita como “a parte mais íntima e oculta de um santuário”. É justamente dentro dessa intimidade que se cria um laboratório de emoções que, dependendo da relação que se estabelece entre professor e aluno, pode ser criativa, destrutiva, ou ficar inerte. A sala de aula deve ser um continente para albergar o gênio/místico que existe dentro de cada um, ideias criativas que podem surgir, tanto de parte do professor, como do aluno.

Sabemos que a observação – nosso referencial máximo – funciona como uma sonda que busca investigar novos espaços mentais (mudança de vértices). Porém, pode ocorrer a tendência de achar que a teoria nos protege e nos dá condições para explicar todas as observações. Mas, quando se dá um nome, ou uma interpretação, a algum fenômeno observado, corremos o risco de impedir o avanço da sonda. Vivemos nesse paradoxo, que Bion explicitou com a famosa frase de Maurice Blanchot: “A resposta é a desgraça da pergunta” (La response est le malheur de la question). Essa me parece ser uma das principais vivências na relação ensino/aprendizado: a experiência do paradoxo.

Penso que o que mantém a psicanálise viva, tanto nos Institutos de formação, como nos consultórios, é a busca por uma experiência criativa ligada ao ensino/aprendizado. Tem de haver a expansão permanente dos vértices de observação e para isso temos de transitar em dois níveis: o dos conceitos (teorias) e o dos mitos (como veículo do conhecimento humano). Novamente nos auxiliamos de um artista, Richard Wagner (Scruton, 2004), que diz: “Cabe à arte preservar o núcleo da religião na medida em que as imagens míticas que a religião quer que se criem verdadeiras são apreendidas na arte por seu valor simbólico e, pela representação ideal desses símbolos, a arte revela a profunda verdade oculta neles”. Provavelmente seja nesse nível que a psicanálise mais se aproxima da arte.

Concluindo, podemos pensar que as teorias devem ser flexíveis e não permanecer somente na categoria dos conceitos, podendo transitar pela categoria das representações pictóricas do mundo interno (uma “enseada” também deve ser vista ou sentida como uma “cobra de vidro”). É na “sala de aula” – sustentada por um campo comum de teorias consideradas seminais – que surge outro campo de diversidades, com as bagagens emocionais e culturais da dupla professor/aluno ($P \leftrightarrow A$), que devem ser valorizadas e que vão contribuir para a formação de uma identidade psicanalítica.

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Z. (2000). Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
BION, W.R. (1970). Atenção e interpretação. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, S. (2008). O olhar de Borges – uma biografia sentimental. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
SCRUTON, R. (2004). Coração devotado à morte. São Paulo: É Realizações, 2010.

*Psicanalista, membro efetivo e didata da SPPA

SPPA na agenda cultural da cidade

A SPPA tem, ao longo de vários anos, buscado parcerias com setores da cultura local, para debater sobre teatro, cinema e literatura, entre outros assuntos. Algumas destas atividades ocorrem ao longo de todo o ano e outras, como as participações no Porto Alegre em Cena e na Feira do Livro, inserem-se no calendário das mesmas.

Café Literário: O Café Literário ocorre mensalmente, na segunda terça-feira de cada mês, às 19h30min, na Saraiva do Moinhos Shopping, no qual um psicanalista da SPPA e um convidado da área da Literatura debatem obras literárias.



Direito & Psicanálise: Outra parceria importante foi estabelecida com a Ordem dos Advogados do Brasil, quando, uma vez por semestre, um psicanalista vai ao encontro dos advogados para debater um filme que apresente intersecção entre o Direito e a Psicanálise.

Saúde: A Lipsam (Liga de Psiquiatria e Saúde Mental) da Universidade Federal de Ciências da Saúde (UFCSPA) tem proposto atividades e debates interessantes para seus alunos sobre o pensar psicanalítico. Em março deste ano, ocorreu a atividade "Saúde na Era Digital", com participação do psicanalista Maurício Marx e Silva.

Cine Divã: Mais recentemente, a SPPA estabeleceu nova parceria com o GNC do Moinhos Shopping. Esta atividade, denominada Cine Divã, ocorre no terceiro sábado de cada mês, às 10h30min.



Ciclo de Estudos: Todo o semestre são formados pequenos grupos de estudos, coordenados por um psicanalista da SPPA. O Ciclo de Estudos sobre Teoria Psicanalítica é voltado para um público mais específico (estudantes de psicologia, medicina, psicólogos e médicos). São 12 encontros semestrais e já estão sendo organizadas as turmas para o segundo semestre deste ano.

Para saber mais sobre estas atividades, visite o site www.sppa.org.br e cadastre-se ou na página no facebook (SPPA). Lá, é possível encontrar toda a programação da entidade, tanto científica quanto cultural, permanentemente atualizada.

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Quem somos?



A Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) é formada por médicos e psicólogos e está filiada à Associação Internacional de Psicanálise (IPA), desde 1963. Esta, por sua vez, foi criada por Freud e colaboradores com o objetivo de congregar profissionais em torno do estudo do método e da teoria psicanalítica

A SPPA, através de seu Instituto de Ensino proporciona a qualificação de seus membros aspirantes a psicanalistas. A formação psicanalítica implica em seminários teóricos, prática clínica supervisionada e análise pessoal.

A teoria psicanalítica afirma que o estado emocional do indivíduo, assim como seu comportamento, são derivados de forças mentais inconscientes. Entende, que toda forma de sofrimento psíquico ocasiona prejuízos pessoais, interpessoais e profissionais, os quais podem ser minimizados de forma significativa pelo tratamento psicanalítico. Esta abordagem terapêutica possibilita uma ampliação da capacidade mental e a modificação dos padrões de comportamento repetitivos, promovendo uma maior qualidade de vida.

Conheça mais sobre a SPPA, os seus membros e a psicanálise visitando a homepage: www.sppa.org.br.